

ANÁLISE DAS RELAÇÕES SOCIAIS E DO APROVEITAMENTO ESCOLAR ENTRE OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INGRESSANTES PELO SISTEMA DE COTAS RACIAIS NO IFNMG/ *CAMPUS* ARINOS

Daniel Rodrigues Martins¹; Elza Cristiny Carneiro Batista²; Eliete Cardoso da Silva³; Francisco Valdevino Bezerra Neto⁴

Resumo: Este trabalho tratou da análise das relações sociais e aproveitamento escolar dos alunos que ingressaram pelo sistema de cotas raciais no ensino médio no IFNMG/ Campus Arinos. Para tanto, foram aplicados questionários objetivos em turmas específicas e também para alunos repetentes e evadidos. Concluiu-se que o debate sobre as cotas junto a comunidade escolar ainda carece de aprofundamento, bem como o acompanhamento dos alunos que ingressam nesse sistema precisa ser intensificado.

Palavras-chave: Ensino Médio. Relações sociais. Aproveitamento escolar. Cotas raciais.

Introdução

Nos últimos anos, muitas pesquisas avaliando os resultados das ações afirmativas e, conseqüentemente, do aumento da presença dos negros no ensino superior, tem sido divulgadas. Embora as discussões a respeito das cotas estejam longe de um consenso, a lei 12711 (BRASIL, 2012) avançou incluindo no sistema de reserva de vagas as instituições federais de ensino técnico de nível médio aos "autodeclarados pretos, pardos e indígenas, em proporção no mínimo igual à de pretos, pardos e indígenas na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)".

O objetivo desta pesquisa foi analisar os efeitos dessas iniciativas recentes no ensino médio e avaliar a forma como os jovens cotistas tem vivenciado o acesso ao ensino médio na rede federal de ensino.

Nossa proposta consistiu em conhecer o cotidiano escolar e o aproveitamento dos alunos cotistas no IFNMG/Campus Arinos, através da análise da forma como tem acontecido a adaptação desses alunos nos cursos de nível médio no que se refere às relações sociais (manifestações de resistência/preconceito) bem como os índices de evasão e retenção.

1 Acadêmico de Bacharelado em Administração, IFNMG, Campus Arinos. Email: danieldrm1997@gmail.com

2 Pedagoga, Mestra em Sociologia Política, IFNMG, Campus Arinos. Email: elza.carneiro@ifnmg.edu.br

3 Tecnóloga em Produção de Grãos, IFNMG, Campus Arinos. Email: eliethcardozo@gmail.com

4 Docente do IFNMG, Campus Arinos. Doutor em Melhoramento Vegetal. Email: francisco.neto@ifnmg.edu.br

Material e Métodos

A presente pesquisa foi realizada no IFNMG – Campus Arinos, onde foram aplicados questionários objetivos em três espaços distintos:

- Nas salas de aula dos terceiros anos (para os alunos que ainda estavam matriculados no Campus Arinos);
- Em espaço individual no Campus Arinos, para os alunos que estavam matriculados em outras séries (porque foram reprovados) ;
- Em visitas domiciliares/contato telefônico, com os alunos que evadiram da escola.

A proposta, para que o resultado da pesquisa fosse mais significativo, foi de observar as trajetórias de duas turmas dos cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do Campus Arinos: uma turma de Informática e uma de agropecuária (ambas ingressantes no ano de 2013).

Resultados e Discussão

Avaliar a forma como os jovens cotistas tem vivenciado o acesso ao ensino médio em instituições federais, parece apropriado por trazer para a cena o nível de ensino hoje mais questionado no sistema educacional brasileiro. Por isso, partindo desta problemática, propusemos as seguintes questões como condutoras da pesquisa:

- Qual o real impacto das cotas em termos de rendimento escolar para os jovens cotistas no ensino federal?
- Que tipos de ferramentas tem acompanhado a política de inclusão na rede com vistas à permanência desses estudantes advindos de condições (e instituições) tão diversas de ensino fundamental?
- Que tipo de mudanças nas relações sociais (discriminação e/ou resistência) ocorrem entre os alunos (cotistas e não-cotistas) nessas instituições que adotaram recentemente as cotas como forma de ingresso?

A análise dos dados indicou que uma maioria significativa de alunos se autodeclararam como pretos e pardos, ou seja, afro descendentes. E ainda, que existe, para estes, uma predominância da perspectiva de adentrar o mundo do trabalho valendo-se do curso técnico.

A questão mais significativa que os dados trouxeram diz respeito à percepção dos alunos sobre as cotas raciais, uma vez que muitos dos próprios alunos cotistas declararam-se contra as cotas e alguns justificaram seu posicionamento dizendo, entre outros argumentos, que as cotas geram desigualdades e são excludentes. Essas respostas foram, para os autores desta pesquisa, de extrema relevância e significado, pois indicam duas possibilidades:

- Os alunos, mesmo tendo feito a opção de cotista racial e tendo apresentado a documentação necessária para fazerem jus às vagas, talvez não tenham conhecimento de que são cotistas. Nesse sentido, questionamos se o uso do termo "reserva de vagas" nos editais não acabam por dar a impressão de que se trata de algo distinto de "cotas".

- Os alunos, mesmo conscientes de que são cotistas, pela pressão social e animosidade em relação à própria condição, talvez prefiram se manter anônimos (mesmo tendo sido esclarecidos de que não seriam identificados ao responder o questionário) valendo-se de respostas que não os identifiquem enquanto tal.

Ao final da coleta de dados, foi possível compreender que uma parte dos alunos que adentraram por cotas estão justamente entre os alunos repetentes (inclusive, repetindo pela segunda vez a mesma série) e outra parte considerável evadiu-se da escola. Mesmo com os projetos e aulas de apoio oferecidos pela Instituição, estes alunos queixaram-se de dificuldades em acompanhar os cursos. As manifestações de preconceito foram relatadas por uma quantidade significativa de alunos (cotistas e não-cotistas), inclusive no que diz respeito ao mérito dos alunos cotistas.

É desejável que os dados trazidos por esta pesquisa sejam capazes de oferecer subsídios para que o IFNMG/ *Câmpus Arinos* avalie sua prática no que diz respeito as ações visando a adaptação, permanência e saída com sucesso dos cotistas nos cursos de nível médio .

Conclusões

Apesar de entendermos a lei de cotas e todas as diretrizes que a acompanham como um avanço significativo na tentativa de correção das desigualdades raciais, é preciso reconhecer que elas entram em confronto com as práticas e também com o imaginário racial que ainda estão presentes na organização e no cotidiano da educação brasileira. O racismo prático (cotidiano) e a criminalização dos jovens cotistas apresentam-se ainda como empecilhos para que os jovens que adentram a escola nesse sistema consigam avançar.

Referências

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei n 12.711**. Brasília, 2012.

Agradecimentos

Agradecemos ao IFNMG que por meio do PIBIC possibilitou que esta pesquisa fosse contemplada com uma aluna bolsista.